

## BANCO DE HISTÓRIA ORAL DO MUSEU ETNOGRÁFICO DA COLÔNIA MACIEL

**DAL FORNO, Rodrigo**<sup>1</sup>;

<sup>1</sup>Graduando em Bacharelado em História pela Universidade Federal de Pelotas – [rodrigodalforno@hotmail.com](mailto:rodrigodalforno@hotmail.com);

**CERQUEIRA, Fábio Vergara**<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas, Departamento de História – [fabiovergara@uol.com.br](mailto:fabiovergara@uol.com.br)

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o acervo oral do Museu Etnográfico da Colônia Maciel (MECOM), assim como ilustrar suas possibilidades para a pesquisa científica e seu potencial histórico-cultural através de um exemplo temático: as relações interétnicas.

A criação do Banco de História Oral do MECOM está inserida no projeto de extensão “*Banco de Imagem e Som do Museu Etnográfico da Colônia Maciel*”, que objetiva a criação de um banco de dados devidamente catalogado e sistematizado das três grandes coleções que compõem o acervo do museu: o acervo oral, o acervo material e o acervo visual. O projeto de criação deste banco de dados se relaciona a perspectiva proposta pelo museu de reforço à preservação desta memória coletiva histórica da imigração italiana na região e de valorização do caráter particular da etnia italiana, foco principal do museu devido à vinculação identitária da maioria da comunidade local. Embora esteja presente na trajetória histórica da colônia a grande diversidade étnica que compõem a região colonial de Pelotas e isto também se reflita na proposta do museu. Através da criação do banco de dados se pretende ampliar o quadro de divulgação do museu e fomentar a pesquisa junto ao acervo para que este revele todo seu potencial histórico-cultural, assim como se garanta a salvaguarda desta documentação.

O Museu Etnográfico da Colônia Maciel está localizado na Vila Maciel, 8º distrito do município de Pelotas a, aproximadamente, 45 km do centro urbano, através da BR 392 em direção ao município de Canguçu. A ideia de criação do Museu surgiu a partir do ano de 2000, através de um projeto de pesquisa desenvolvido pelo LEPAARQ, que visava a investigar a trajetória histórica italiana na região de Pelotas. Através deste projeto a Vila Maciel foi identificada como a área com a presença de ítalo-descendentes, assim como também se percebeu a vontade da própria comunidade em possuir um local destinado à preservação e guarda de sua memória coletiva. No ano de 2006, o museu foi inaugurado oficialmente, tendo como sede o prédio da antiga Escola Garibaldi (construído em 1929), funcionando e sendo mantido desde então pelo Instituto de Memória e Patrimônio, por meio de uma parceria firmada entre este, a Universidade Federal de Pelotas e a Prefeitura Municipal de Pelotas. Atualmente o seu acervo conta com aproximadamente 4.000 itens, sendo que a proposta expográfica do museu se baseia em um diálogo triangular entre as três grandes coleções que o compõem.

O acervo oral possui cerca de trinta e cinco depoimentos de História Oral, referentes a entrevistas realizadas com ítalo-descendentes durante o período que

abrange os anos de 2000 a 2005. Cabe ressaltar que algumas vezes foram realizadas mais de uma entrevista com o mesmo colaborador, devido à potencialidade e ao conhecimento deste narrador.

Os depoimentos estão organizados digitalmente em dois grupos, referentes ao período de realização das entrevistas. O primeiro grupo compõe-se de nove depoimentos, colhidos durante o ano de 2000. Esta etapa de realização de entrevistas estava vinculada ao projeto de investigação acerca da trajetória dos ítalo-descendentes na região da Colônia Maciel, onde foram entrevistados aqueles moradores mais antigos e identificados como possíveis detentores da memória coletiva local, além do seu conhecimento sobre a trajetória histórica dos primeiros imigrantes. O segundo grupo de entrevistas é composto por vinte e seis depoimentos realizados durante os anos de 2004 a 2005, sendo entrevistados moradores locais e procurando focar variados aspectos da vida cotidiana na Colônia nas suas mais diversas fases históricas. É também nesta etapa de pesquisas junto a colônia que ocorre um amadurecimento da ideia de criação de um Museu, assim como a coleta de fotografias e objetos para composição do acervo museológico, o que foi de grande importância para o sucesso das entrevistas. Tendo em vista que as fotografias antigas e objetos foram de grande relevância na elaboração das memórias narradas pelos entrevistados. O entrelaçamento entre estes três suportes de memória também se encontra presente na expografia do museu, que se utiliza dos três tipos de acervo, estabelecendo um diálogo triangular entre as memórias orais, as imagens e a cultura material.

O acervo oral tem sido alvo prioritário das atividades da equipe do MECOM, e atualmente encontra-se em fase de consolidação. O tratamento com o acervo tem sido guiado pelas diretrizes da metodologia utilizada em História Oral (processo de transcrição, cartas de cessão, etc.) e devendo ser concluído nos próximos meses, gerando a publicação do banco de história oral em formato de um DVD.

## **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

A História Oral, enquanto técnica para a produção do conhecimento histórico é caracterizada por uma série, ou conjunto de procedimentos práticos e teóricos que constituem a sua realização (MEIHY; HOLANDA 2007). Nesta perspectiva um projeto que envolve História Oral passa por variadas etapas e atividades, como definição de um tema, identificação dos colaboradores a serem entrevistados, a realização da entrevista (roteiro, gravação, etc.), transcrição, concessão da autorização para uso da entrevista na pesquisa, etc.

Talvez uma das mais importantes etapas de um projeto em História Oral, na qual trabalhamos de forma intensa, é a transcrição dos depoimentos orais. A transcrição dos depoimentos consiste na passagem do oral para o escrito (MEIHY, 1998). Nos trabalhos com as transcrições do acervo oral do MECOM, seguiu-se o uso da *transcrição absoluta, ou literal*, sendo mantidos, na entrevista escrita, os vícios de linguagem, barulhos, gírias, etc., procurando manter o mais próximo possível da fala no áudio original. Pois, como nos diz Thompson, acreditamos que realizando alterações em dialetos e erros gramaticais caímos no risco de retirar o sentimento, a "vida" presente na narrativa do entrevistado (THOMPSON, 1992). Portanto, em um primeiro momento, optamos por manter a transcrição o mais fiel possível da fala do entrevistado, cabendo a posteriores revisões junto ao próprio

entrevistado optar ou não por alterações. A partir da transcrição efetuada, com a entrevista vertida para o escrito, materializada no papel, ou congelando a narrativa (MEIHY; HOLANDA, 2007), ela pode então passar a ser analisada e interpretada e com isso originar novas pesquisas e publicações.

Ainda de acordo com a metodologia em História Oral, devemos destacar outra importante diretriz. A extrema cautela no uso de informações pessoais dos entrevistados. Para isto faz-se o uso das *cartas de cessão*. De acordo com essas, nenhuma informação contida nas entrevistas, seja ela em sua forma escrita ou oral, pode ser publicada ou divulgada sem que o entrevistado conceda seus direitos e a autorize. Segundo Alessandro Portelli, a preocupação ética presente nos procedimentos em História Oral constitui uma das mais importantes diretrizes desta metodologia, exigindo extrema responsabilidade profissional do pesquisador em relação aos seus colaboradores, preocupações estas que vão além das cartas de cessões, se dão também em relação à restituição do material coletado à comunidade colaboradora, cuidado com a compreensão das diversas verdades subjetivas que compreendem as memórias narradas e extremo respeito e educação com aqueles que trabalham em História Oral. (PORTELLI, 1997). Estes procedimentos éticos são extremamente importantes na constituição do acervo oral do MECOM, pois as informações contidas nos depoimentos do acervo só poderão ser publicadas e disponibilizadas, quando estiverem devidamente autorizadas. Por isto neste momento se investe no processo de recolhimento das assinaturas das cartas de cessão dos entrevistados ainda pendentes.

A grande contribuição da História Oral, e neste sentido de grande importância para as pesquisas do Museu Etnográfico da Colônia Maciel, diz respeito ao caráter abrangente e democrático propiciado pela apreensão das narrativas orais. O uso sistemático de depoimentos orais possibilita à História Oral esclarecer trajetórias ou processos, que não possuem outra forma de serem compreendidos (FERREIRA; AMADO, 2006). Portanto, na ausência da documentação escrita, a única considerada relevante e confiável para a historiografia convencional, a História Oral, apresenta-se como a solução eficaz. Contudo, como lembram Meihy e Holanda, não se deve encarar a História Oral como apenas uma alternativa na ausência de documentações convencionais, ou complementação desta documentação. A História Oral deve ser assumida isoladamente, com sua carga de valor próprio, para o estudo de aspectos subjetivos e ainda não revelados pela documentação escrita (MEIHY; HOLANDA, 2007). Neste contexto se enquadra a trajetória dos imigrantes italianos na região colonial de Pelotas, objeto de estudo ainda muito pouco abordado pelos historiadores e com muito ainda a ser pesquisado.

Entretanto, cabe ressaltar que a História Oral apresenta um caráter singular e particular, devido ao conteúdo extremamente subjetivo e seletivo das narrativas das memórias de depoentes, o que exige uma série de cuidados teóricos e técnicos na sua constituição e interpretação. Deve, portanto, ser pensada criticamente, e trabalhada de forma consciente sobre seu caráter subjetivo e interpretativo, sendo constantemente confrontada e pensada a partir de outras fontes e informações.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Atualmente avança-se para a consolidação deste acervo oral, restando a pesquisa e preenchimento de algumas lacunas que permaneceram ao longo da trajetória da equipe do museu e o recolhimento de cartas de cessões pendentes.

Apresentado o acervo, podemos abordá-lo com mais clareza, ilustrando sua constituição e potencial através de um exemplo temático. Nos últimos meses a

equipe do MECOM vem pesquisando junto ao acervo alguns trechos de depoimentos que auxiliem na análise e compreensão de como ocorriam, ao longo das diversas fases históricas da colônia, as relações interétnicas estabelecidas entre os ítalo-descendentes e os demais grupos que compõem o espaço da Vila Maciel e seus arredores. Levamos em consideração que toda área urbana e colonial de Pelotas possui em sua composição étnica uma grande diversidade, podendo ser caracterizado como um *mosaico étnico* (CERQUEIRA, F.V.; PEIXOTO, L. GEHRKE, C.; DAL FORNO, R.; 2010). Neste sentido destacamos alguns trechos interessantes que nos permitem um panorama inicial acerca do tema:

*“A minha avó Emília Morello foi quem me contou, que eles iam para lavoura capina e os índios vinham na beira do mato atirar flechas, aí eles tinham que voltar para casa e quando se revoltavam eles pegavam as armas e iam lá e ficavam cuidando, quando aparecia algum índio eles atiravam, mas não sei se chegaram a matar índios”* (João Casarin, 17/06/2000)

*“Ah é, e antigamente não era assim. Não se misturava tanto os morenos como agora né. A gente não se misturava com os morenos. Quase não tinha morenos nos bailes. Agora sim depois foi misturando. Depois sim,* (Delcira Tessmer 11/06/2005)

*Os alemão gostavam dos italianos [...] Fazia festa junto. Às vez muito casamento, mas os italianos nunca queriam deixar os filhos casar com alemão. [...] Eu casei, namorei um alemão, mas eu, Deus que me perdoe, depois tinha que virar de religião. Os italianos eram só de católicos e os alemão é de outra religião. Mas que meu pai ia deixar, não mesmo! [risos] Se davam, os alemãos gostavam muito dos italianos. Mas os italianos eram burros, porque não gostavam muito dos alemãos, não sei porque, não gostavam [...] Era só por causa da religião, que era contra os alemão, pomerano [...] Os italianos eram contra as outras religião, não é. Burros porque eles achavam que não era gente como eles né”* (Francisca Aurora Camelatto, 25/06/2005).

Os trechos destacados acima nos apresentam algumas informações acerca das relações envolvendo os imigrantes italianos e seus descendentes com relação aos nativos indígenas, aos afro-descendentes, assim como imigrantes e descendentes alemães. Relações que ocorriam de forma positiva ou negativa no contexto de vida cotidiana destes indivíduos, seja no trabalho, nas lavouras, nos bailes, festas ou casamentos. Como já mencionado, há uma grande diversidade étnica na composição histórica da região da Serra dos Tapes, de modo que as relações cotidianas e imaginárias entre esses grupos mostram-se um tema profícuo, algo até então pouco abordado pela historiografia local, sendo muitas vezes enfatizada apenas a matriz luso-brasileira na composição étnica local, quando na verdade uma série de grupos étnicos compuseram este espaço, se relacionando e influenciando mutuamente na composição do patrimônio cultural pelotense.

Até o presente momento, preocupamo-nos em mapear e destacar estas passagens nas falas dos entrevistados, em um segundo momento deve-se investir na análise e interpretação desses trechos. Este enfoque interpretativo deve também compor o futuro DVD com a publicação do banco de história oral.

#### 4 CONCLUSÃO

As atividades com o acervo oral do Museu Etnográfico da Colônia Maciel se encontram em fase de conclusão. Com isto, já é possível se ter um breve conhecimento das possibilidades de pesquisas e do grande valor que tal documentação possui para a pesquisa histórica, o que justifica a extrema

necessidade em se garantir a salvaguarda desta documentação para as futuras gerações, assim como organizá-la disponibilizá-la para a sociedade. Tudo isto se fará possível através de um banco de dados catalogado e sistematizado, que possa ser publicado e disponibilizado a pesquisadores e à sociedade em geral.

O estudo das relações interétnicas na região colonial de Pelotas é apenas uma dentre as muitas possibilidades que pesquisadores podem explorar junto ao acervo. No entanto, os depoimentos orais que compõem este acervo já nos permitem pensar uma grande variedade de interpretações e análises sobre o tema que, até então, pouco tem sido estudado e abordado localmente pela historiografia.

## 5 REFERÊNCIAS

ANJOS, Marcos Hallal dos. Italianos e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. **História em Revista**, Pelotas, 1999, p. 33-47.

AMADO, Janaína; FERREIRA, M.M. **Usos & Abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; PEIXOTO, Luciana. Museu e Identidade Ítalo-descendente na Serra dos Tapes, Pelotas/RS: O Projeto do Museu Etnográfico da Colônia Maciel. **Métis**, UCS, 2008, p. 115-137.

CERQUEIRA, F. V.; PEIXOTO, L.S.; GEHRKE, C. ; DAL FORNO, Rodrigo . Diversidade narrativa das memórias de ítalo-descendentes no Museu Etnográfico da Colônia Maciel, Pelotas, RS.. In: **IV Seminário Internacional em Memória e Patrimônio**, 2010, Pelotas. IV Seminário Internacional em Memória e Patrimônio, 2010. p. 875-890.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer, Como pensar**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

PEIXOTO, Luciana da Silva. **Memória da imigração italiana em Pelotas/RS. Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas**. Pelotas: UFPel, 2003. (Monografia de Conclusão do Curso de História da UFPEL).

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. In: **Ética e História Oral**. Projeto História, Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, vol. 15, 1997, pp. 13-49.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1992.